

Os economistas das cem maiores instituições financeiras do país revisaram ontem suas projeções para o crescimento deste ano. Segundo o boletim Focus, elaborado pelo Banco Central, o Produto Interno Bruto (PIB) de 2014 deve ter alta de apenas 0,97%, na oitava revisão para baixo consecutiva. Na semana passada, as projeções eram de uma alta de 1,05%. Para 2015, as estimativas se mantiveram em aumento de 1,5% para a economia brasileira. Em 2013, a economia apresentou expansão de 2,5%.

A revisão do crescimento para este ano deve-se especialmente à piora da confiança dos empresários e dos consumidores ao longo do segundo trimestre, quando uma série de sondagens da Fundação Getúlio Vargas (FGV), da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e da Confederação Nacional do Comércio (CNC) mostrou a deterioração em relação às expectativas de investimento privado e de consumo interno.

Para o Bradesco, a piora da confiança, espalhada entre os mais diversos setores da economia, para níveis apurados em 2009 logo após a crise financeira global, afetará a evolução da atividade tanto em 2014 quanto em 2015. O banco prevê expansão de 1% em 2014 e de 1,5% para o ano que vem "independentemente da definição do cenário político, tanto no âmbito estadual como federal", segundo análise do banco enviada a seus clientes. O Credit Suisse, em relatório, é mais pessimista e estima aumento de apenas 0,6% para o PIB em 2014.

Para o economista da Unicamp André Biancarelli, após uma fredda quando o governo Dilma Rousseff tomou posse, em 2010, mesmo com o corte de juros e a adoção de políticas setoriais, o governo não conseguiu retomar o ritmo de crescimento dos anos anteriores, apurados na gestão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Eleições e expectativas

Biancarelli, no entanto, vê que o quadro de expectativas mais negativas deve-se em boa parte aos efeitos das manifestações de junho de 2013 sobre a popularidade do governo Dilma e sobre a possibilidade de um segundo turno nas próximas eleições. "Há uma terrível má vontade do empresariado e do mercado com o governo Dilma. E a partir da queda de popularidade de seu governo, a eleição de 2014 não estava mais ganha e as atitudes dos empresários influenciaram a economia", afirmou. Ele lembrou que, em 2002, em um movimento semelhante do empresariado e do mercado, a

Mercado vê 'pibinho' para 2014

Deterioração das expectativas de empresários e consumidores levou à revisão do crescimento deste ano para taxa inferior a 1%

economia estava em situação muito pior que a atual. Mesmo assim, depois de o novo presidente eleito, a partir de 2003, a economia voltou para os trilhos, ajudada pelo cenário externo mais favorável.

O economista da Unicamp prevê que, qualquer que seja o eleito em outubro, os investimentos deverão destravar. "A economia está mais parada e a paralisia é decorrente do cenário eleitoral", disse.

Para o Bradesco, independentemente do presidente eleito em 2015, o primeiro semestre será de "ajustes importantes no lado fiscal e na política de preços administrados", o que sinalizará para "uma rápida reversão de expectativas e uma recuperação da confiança dos agentes econômicos", sem uma manutenção das expectativas no campo negativo.

O economista-chefe da Divisão Econômica da Confederação

Nacional do Comércio (CNC) e ex-diretor do Banco Central, Carlos Thadeu de Freitas, enxerga que a economia deve voltar a crescer em 2015. "Qualquer governo entrará com alguma confiabilidade. Como a inflação está caindo, pode ajudar a ter uma demanda melhor no ano que vem", completou.

Ainda que a geração de empregos formais esteja em desaceleração, Freitas vê o nível de ocupação ainda em patamar elevado. Combinado à continuidade do aumento real dos salários, mesmo que em menor magnitude do que no passado, o mercado de trabalho vai ser um combustível ao crescimento do consumo das famílias, que ainda vai sustentar parte do resultado do PIB. Para este ano, com a indústria puxando a estagnação do PIB, não haverá espaço para retomar o crescimento e os investimentos serão "fracos".

Economia não está 'à beira do abismo'

Já Rogério de Souza, economista-chefe do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), diz que a situação atual da economia inspira cuidados, mas não está "à beira do abismo" nem configura recessão ou estagnação, porque a perspectiva é de inflação menor à frente.

"O investimento não está forte, mas ainda se mantém. Nada é vigoroso na economia. A indústria vive um momento mais complicado e preocupante. Embora em crise, ainda não entrou num processo recessivo mais profundo", afirmou Souza. Para o economista do Iedi, é preciso restituir a confiança e "o governo precisa tomar medidas mais transparentes, por exemplo, no que toca ao Orçamento".

Professor de Finanças da ESPM de São Paulo, Adriano Gomes comenta que a cada divulgação de um indicador econômico, a situa-

“

O investimento não está forte, mas ainda se mantém. Nada é vigoroso na economia. A indústria vive um momento mais complicado. Embora em crise, ainda não entrou em processo recessivo"

Rogério de Souza
Economista-chefe do Iedi

ção mostra piora para níveis abaixo dos projetados anteriormente.

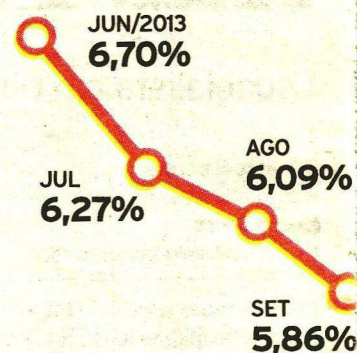
"Houve uma retração forte do setor automobilístico, com uma queda de 30% mas vendas de automóveis, que minou o humor do mercado. É um segmento que tem uma cadeia produtiva grande. E o índice de confiança tem ficado próximo do número mágico de 50 pontos. Quando a confiança está próxima dos 50 pontos, é complicado pensar em esperança", disse.

Segundo Gomes, ainda que a perspectiva de inflação seja de desaceleração nos próximos meses devido aos preços dos alimentos, o IPCA em 12 meses bateu o teto da meta, de 6,5%, em junho. "Isso é por si só um grande elemento que agrava essa desmotivação do mercado. Embora ela venha com um número melhor, não deve dar ânimo", disse.



PREVISÕES
RUINS

IPCA acumulado nos
12 últimos meses



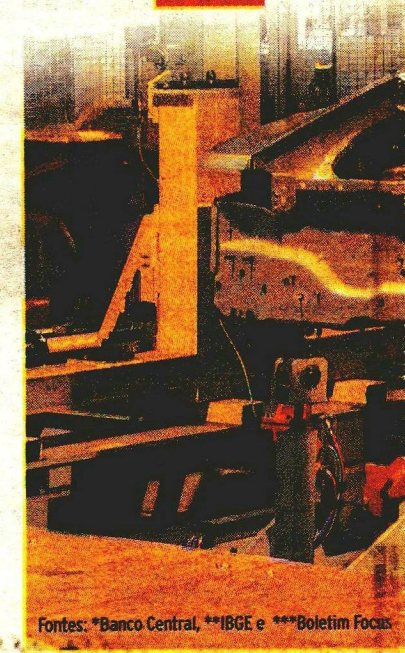
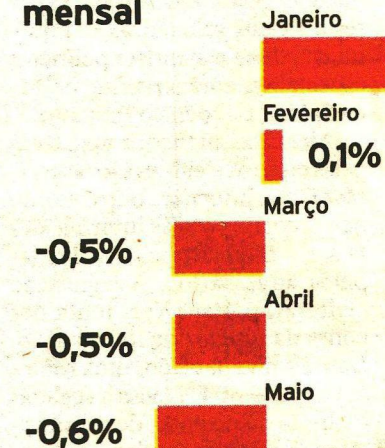
PIB

Comparação com
trimestre anterior

Queda de 0,3% **3º trimestre de 2013**

Fonte: IBGE

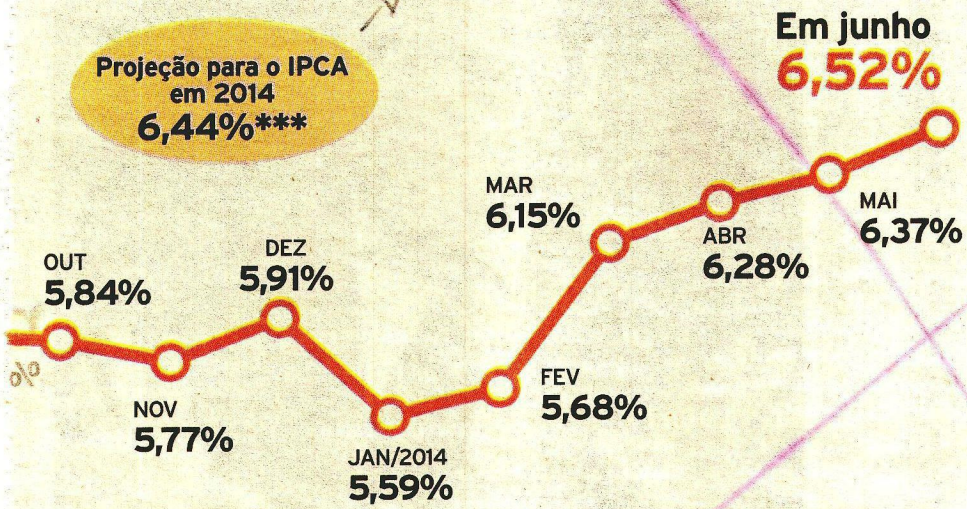
Pesquisa industrial mensal



Fontes: *Banco Central, **IBGE e ***Boletim Focus

cont do Dep 0102

Projeção para o IPCA
em 2014
6,44%***



4º trimestre de 2013

Alta de
0,4%

1º trimestre de 2014

Alta de
0,2%

Em abril

Alta de
0,05%

Em maio*

Queda de
0,18%

Projeção de crescimento
em 2014
0,97%***

Fonte: Banco Central

2,4%

De janeiro
a maio**,
queda de
1,6%

